

# O modernismo na Literatura brasileira para além da Semana de Arte Moderna de 1922

## Modernism in Brazilian Literature beyond the 1922 Modern Art Week

## Modernismo en la literatura brasileña más allá de la Semana de Arte Moderno de 1922

Mônica Abramchuk<sup>i</sup>

**Resumo:** Esse artigo tem como objetivo analisar o movimento modernista na literatura brasileira, não de maneira simples e isolado, mas, como desencadeador de outros movimentos espaciais e temporais, e as ligações que a denominada “geração de 1870” possui com os intelectuais da Semana de Arte Moderna de 1922.

**Palavras-Chave:** Literatura. Modernismo. Movimento.

**Abstract:** This article aims to analyze the modernist movement in Brazilian literature, not simply and in isolation, but as a trigger for other spatial and temporal movements, and the links that the so-called “1870 generation” has with the intellectuals of the Art Week Modern 1922.

**Key words:** Literature. Modernism. Movement.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo analizar el movimiento modernista en la literatura brasileña, no simplemente y de forma aislada, sino como un desencadenante de otros movimientos espaciales y temporales, y los vínculos que la llamada "generación de la década de 1870" tiene con los intelectuales de la Semana del Arte Moderno de 1922.

**Palabras clave:** Literatura. Modernismo. Movimiento.

### Introdução

Pensar o movimento modernista na literatura brasileira e atrelá-lo diretamente a Semana de Arte Moderna de 1922<sup>ii</sup> sem estabelecer as devidas ligações com movimentos e intelectuais anteriores é deixar de lado as relações necessárias para compreender como esse movimento aconteceu no Brasil, “pareceu aos historiadores da cultura brasileira que *modernista* fosse adjetivo bastante para definir o estilo dos novos, e *Modernismo* tudo o que se viesse a escrever sob o signo de 22” (BOSI, 1976, p. 339).

As correntes estéticas<sup>iii</sup> que predominaram no Brasil no período Imperial e Republicano estão diretamente relacionadas as mudanças sociais que a sociedade vinha passando. “O romantismo representou bem um modelo de sociedade estável, mantida sob um sistema homogêneo de autoridade, como o do Segundo Reinado no Brasil.” (SEVCENKO, 2003, p. 275). O campo do ideal e das emoções sofria a ação mais intensa, o sistema de valores fazia referência a uma perspectiva social privilegiada que orienta o topo da pirâmide em direção à

base, o sistema econômico letárgico mantinha as riquezas estáveis por grandes períodos de tempo, passando uma imagem de consolidação da sociedade.

Já o realismo e o naturalismo representam a sociedade multifragmentada, em que, havendo sido rompido o sistema de hegemonia de uma elite uniforme, vários grupos sociais se vêem encorajados a conceber a sociedade a partir da sua perspectiva particular. Calcadas sobre uma realidade de intensificação das operações econômicas, oscilação, tensão e confronto das forças sociais, essas estéticas configuram um mundo turbulento e sem posições fixas. Os cenários, os personagens, os figurinos e até a maquiagem dos atores mudam constantemente. A encenação é confusa, os papéis se baralham, não há limites estritos para a ação regulados por normas imutáveis, as próprias regras se refazem ao sabor dos interesses dos personagens e das contingências do roteiro. Pensamento e sentimento passam para o segundo plano, num mundo de valores indefinidos, em que a indefinição é o maior valor. (SEVCENKO, 2003, p. 275-276)

No Brasil e Semana de Arte Moderna que aconteceu de 12 a 17 de fevereiro de 1922 em São Paulo, é associada por muitos intelectuais como a instauração do moderno, como se ela e o modernismo fossem sinônimos, mas, é necessário analisar esse processo de forma mais profunda. É comum lermos ou ouvirmos que o modernismo na literatura brasileira está diretamente ligado e é até mesmo sinônimo da Semana de Arte Moderna.

O que a crítica nacional chama, há meio século, *Modernismo* está condicionado por um *acontecimento*, isto é, por algo datado, público e clamoroso, que se impôs à atenção da nossa inteligência como um divisor de águas: a Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo (BOSI, 1976, p. 339).

Parafrazeando Monica Pimenta Velloso existe uma polêmica em torno dos conceitos de moderno, modernidade e modernismo, que são discutidos constantemente pela historiografia e onde a questão da temporalidade tem um papel determinante. Ao pensar sobre o modernismo é preciso antes de mais nada localizá-lo na dinâmica histórica.

No início do século XX, mesmo antes da guerra de 1914, a mentalidade modernista estava tomando espaço de forma rápida na maioria dos países desenvolvidos. “Romper bruscamente com a tradição e reinventar a história foi o propósito utópico da mentalidade modernista que, com seu fascínio pelas heresias culturais, expandiu-se e universalizou-se no mundo ocidental no início do século XX” (SALIBA, 2012, p. 275). Esse rompimento com a tradição não era algo simples e fácil.

Recomeçar do zero. Este era um projeto quase universal da cultura modernista, na sua ansiedade por encerrar definitivamente a *belle époque* e sepultar, por entre os tristes escombros da guerra, fragmentos daquele projeto liberal, igualmente utópico, de uma

grande comunidade internacional, autorregulada pelas mãos invisíveis da perfeição e da harmonia. (SALIBA, 2012, p. 275)

Os modernistas buscavam romper o passado do presente e instaurar a irregularidade. Para James Mcfarlane, o modernismo partiu de duas visões de mundo que no século XIX foram mantidas em separado – a intuitiva e a mecanicista. A procura das emoções proveniente do contato com a vida renunciando o intelectualismo tornou a tarefa de separar de forma estanque o racional e o irracional difícil. Pensando em uma conjuntura mais geral, não somente brasileira Mônica Pimenta Velloso afirma:

No contexto internacional, é a partir da aceleração do processo urbano industrial – ocorrido em meados do século XIX – que vão surgir movimentos de ordem literária, política, religiosa e científica. A consciência da modernidade, segundo Le Goff (1984), nasce precisamente do sentimento de ruptura com o passado. Já Karl Frederick, um outro estudioso do assunto, afirma: “O sentido do moderno e do modernismo em qualquer época é sempre o de um processo de tornar-se novo e diferente; pode significar subverter o que é velho ...” (1988, p. 21-22). (VELLOSO, 2016, p. 353)

Ao tentar entender melhor o modernismo não de forma estanque concordamos com Velloso (2016, p. 353) que o contexto internacional ajuda esclarecer esse processo: “a partir da perspectiva da simultaneidade, da continuidade e da pluralidade” (VELLOSO, 2016, p. 353).

## **Contexto da Primeira República no Brasil**

As mudanças ocorridas na literatura<sup>iv</sup> brasileira analisadas aqui fazem parte do marco temporal que compreende o final do século XIX e o início do século XX, para uma melhor análise será necessário entender um pouco o que estava acontecendo nesse período no Brasil.

As décadas situadas em torno da transição dos séculos XIX e XX assinalaram mudanças drásticas em todos os setores da vida brasileira. Mudanças que foram registradas pela literatura, mas sobretudo mudanças que se transformaram em literatura. Os fenômenos históricos se reproduziram no campo das letras, insinuando modos originais de observar, sentir, compreender, nomear e exprimir. A rapidez e profundidade da transfiguração que devassou a sociedade inculcou na produção artística uma inquietação diretamente voltada para os processos de mudança, perplexa com a sua intensidade inédita, presa de seus desmandos e ansiosa de assumir a sua condução... Poucas vezes a criação literária esteve tão presa à própria epiderme da história *tout cort*. (SEVCENKO, 2003, p. 286-287)

Esse período foi de acontecimentos decisivos para o futuro do país, como a abolição da escravatura em maio de 1888<sup>v</sup> (o Brasil foi a última nação do Ocidente a dar fim a esse tipo de trabalho compulsório). Em 1889, após vários acontecimentos e fatores decisivos (crise

econômica, propaganda republicana e o desgaste entre os militares e o Império) chegou ao fim a Monarquia, ligada diretamente à escravidão, os grandes fazendeiros tinham na mão-de-obra escrava a principal força de trabalho e com a abolição da escravidão eles perderam essa força de trabalho gratuita, motivo pelo qual os levou a ir contra o Imperador, isolando a Monarquia entre as demais forças políticas.

O cenário que então se abriu era propício a todo tipo de utopia e projeção. A República surgiu alardeando promessas de igualdade e de cidadania – uma modernidade que se impunha menos como opção e mais como etapa obrigatória e incontornável. O grande modelo civilizatório seria a França, com seus circuitos literários, cafés, teatros e uma sociabilidade urbana almejada em outras sociedades. (SCHWARCZ, 2012, p. 19)

Segundo Nicolau Sevcenko podemos observar que esse período foi marcado pelo rompimento das antigas formas de relações sociais marcadas pela solidariedade que passaram a ser mediadas por padrões econômicos e mercantis, refletindo a nova ordem da sociedade, de tal maneira: “Por todo lado ecoam testemunhos amargos sobre a extinção dos sentimentos de solidariedade social e de conduta moral, ainda vivos nos últimos anos da sociedade senhorial do Império.” (SEVCENKO, 2003, p. 55)

A busca pela modernidade<sup>vi</sup>, progresso e industrialização que marcaram o início do século XX, fez com que houvesse uma aceleração do espaço urbano. Em relação as mudanças que aconteceram no período observado, duas causas podem ser consideradas: a entrada da imigração estrangeira e a aceleração da modernização das cidades, essa modernização trouxe consigo novas exigências, como diferentes formas de habitação, lazer, trabalho e transporte. A impressão que se tinha é que as coisas haviam mudado e de forma rápida, foi nesse período que cidades como Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo “aparelharam-se para exercer suas recentes disposições administrativas e sociais” (SCHWARCZ, 2012, p. 44) os prédios passaram por uma remodelação e a pobreza foi afastada para os subúrbios.

... Segmentos étnicos e sociais muito distintos passaram a dividir bairros e coabitar em moradias coletivas, misturando crenças religiosas e também tradições culturais. Ao lado das óperas, teatros, lojas e restaurantes elegantes – que corresponderiam ao ticket de entrada para a modernidade – proliferavam antigas práticas religiosas – rezadores, feitiçeiros, benzedoras e curandeiros de toda sorte. Conviviam assim mundos diferentes, mas inesperadamente aproximados. Além do mais, cortiços, pensões, casarões ocupados por várias famílias e de alta densidade populacional marcaram a paisagem urbana. Casinhas enfileiradas, concentração em espaços exíguos, avenidas com novo tráfego, tudo gerava muita solidariedade e troca, mas também tensões, conflitos e mal-entendidos. (SCHWARCZ, 2012, p. 50-51)

Segundo argumenta Schwarcz com a tendência das teorias raciais, que influenciaram interpretações e opiniões até os anos 1930, caía sobre negros e ex-escravos um peso que condenava a mestiçagem existente no país. Para tais modelos, a explicação para a falta de sucesso profissional ou social de negros e ex-escravos estaria baseado na ciência (na raça), e não nas condições de vida. Após a Abolição da escravatura as discussões não se baseavam na busca pela cidadania e pela igualdade, mas, em argumentos biológicos de tal modo que “A ciência naturalizava a história e transformava hierarquias sociais em dados imutáveis” (SCHWARCZ, 2012, p. 61). O entendimento que se tem desse período demonstra uma certa ambiguidade relacionadas a República, o medo de novas escravizações era frequente assim como novos tipos de exclusão social.

Mas é de bom-tom e alvitre manter distância das falas sempre assertivas das testemunhas e dos agentes de época, que em sua maior parte se limitaram a denunciar as arbitrariedades dessa nova ordem de Estado. Se tudo isso é fato, é igualmente verdade que foi com o novo regime que se forjou um processo claro de republicanização de nossos costumes e instituições. É nesse momento que os diferentes poderes tomaram forma definida, que se ensaiaram novos processos eleitorais (a despeito de serem ainda muito marcados pela fraude) e que se rascunharam os primeiros passos no sentido de se constituir uma sociedade cidadã com modelos inaugurais de participação. (SCHWARCZ, 2012, p. 27)

Embora, no início do Período Republicano aconteceu um desenvolvimento<sup>vii</sup> na economia<sup>viii</sup> do país, esse não veio acompanhado por um desenvolvimento humano e social, e não podemos atribuir apenas a República o mérito deste, podemos observar uma espécie de modernização no Brasil nas últimas três décadas do período Imperial.<sup>ix</sup>

## A “geração de 1870”

Ao pensar sobre as mudanças literárias<sup>x</sup> no Brasil o contexto histórico é de suma importância. O Brasil sofreu inúmeras alterações técnicas e industriais na virada do século XIX, que alteraram de forma significativa a sociedade, como por exemplo, o fim da guerra com o Paraguai (1865-70) que pode ser visto como uma divisão entre o tempo antigo e o moderno. Monica Pimenta Velloso além de afirmar a importância da dinâmica histórica para se pensar o movimento modernista também volta 50 anos antes da Semana de Arte Moderna de 1922 para compreender de forma mais profunda esse movimento.

Para entendermos como ele de fato ocorreu, vamos empreender uma viagem retrospectiva no tempo e no espaço. Meio século antes de acontecer, em São Paulo, a famosa Semana de Arte Moderna, já existia no Brasil um movimento literário que foi denominado pelo crítico e historiador José Veríssimo de “modernismo”. Tobias Barreto, Sílvio Romero, Graça Aranha, Capistrano de Abreu e Euclides da Cunha destacaram-se como intelectuais que compunham esse grupo, conhecido como a ‘geração de 1870’. Se conhecemos bem alguns desses nomes, geralmente não associamos as suas figuras e produção literária ao nosso modernismo. Isso acontece justamente porque acostumamos a pensar o modernismo como um movimento espaço-temporal definido: São Paulo, 1922. Geralmente não prestamos a devida atenção aos ‘sinais de modernidade’ que já vinham despontando, das mais distintas maneiras, em várias regiões e cidades. (VELLOSO, 2016, p. 354)

Essa geração de intelectuais traduz as mudanças ocorridas na política. O Manifesto Republicano de 1870 evidenciou a urgência da abolição da escravidão e da instauração do Regime Republicano (esse documento pode ser visto como um marco da modernidade brasileira), porque essas duas mudanças pretendidas eram indispensáveis para que o Brasil entrasse na modernidade.

O que de fato mobilizou a geração de intelectuais de 1870 era entender a múltipla identidade da nacionalidade. “Nos cantos, contos, poesias e danças, o brasileiro aparece reconhecido na figura do indígena, do africano, do europeu e do mestiço” (VELLOSO, 2016, p. 356). Mesmo que a ideia que predominava era a do europeu superior e do brasileiro inferior, a identidade mestiça começou a ser reconhecida nesse período.

É importante pensar que os movimentos não acontecem de forma separada, possuem vínculos, para ilustrar podemos citar na mesma época os movimentos culturais que buscavam a valorização dos astecas, incas e maias na América hispânica. Resgatar a diversidade cultural incentivou a modernização.

Essa ideia é importante, pois revela a relação entre os intelectuais da geração de 1870 e aqueles vinculados à cultura modernista dos anos posteriores. Não importa quão precários sejam esses vínculos identificadores entre as diferentes gerações intelectuais. É necessário considerar que em todo processo de leitura há uma seleção de ideias, uma absorção diferenciada que é ditada pelas necessidades do contexto político-cultural. Para a geração de 1870, ‘ser moderno’ significava, sobretudo, buscar uma compreensão do significado de ser brasileiro, compreensão essa que deveria ser mediada pelo instrumental cientificista. (VELLOSO, 2016, p. 357)

Podemos afirmar que os estudos realizados pela geração de 1870 influenciaram os modernistas de São Paulo do início do século XX, tanto que as questões referidas sobre a nacionalidade foram retomadas mais tarde pelos modernistas paulistas. “É importante deixar

claro esse ponto: já existiam determinadas tradições filosóficas no pensamento brasileiro que vão ser retomadas, e sobretudo reelaboradas, ao longo da década de 1920”. (VELLOSO, 2016, p. 358). O moderno foi uma construção organizada ao longo do tempo e para que ele de fato acontecesse houve elaborações imprescindíveis.

Ocorre que, de modo geral, a nossa historiografia não estabeleceu esses vínculos de continuidade entre o pensamento dos intelectuais da geração de 1870 e os da geração de 1920. Essa operação ocorreu em função do predomínio de uma visão marcadamente estetizante do movimento modernista em que se priorizou o papel das vanguardas intelectuais e artísticas na condução do processo. Estudos recentes vêm mostrando a impossibilidade de se trabalhar com um sentido unívoco do modernismo. (VELLOSO, 2016, p. 358)

Se o modernismo pode ser visto como um processo, e a geração de 1870 mesmo que não de forma direta influenciou a de 1922 é possível repensar a ideia de pré-modernismo.

Em consequência, torna-se questionável o conceito de “pré-modernismo” que esteve tão presente na nossa historiografia literária. Frequentemente encontramos ainda expressões como ‘antecedentes’, ‘pródromos’, sendo também corrente a ideia de um ‘vazio cultural’, atribuído ao Rio de Janeiro, após a fase da denominada *belle époque*. (VELLOSO, 2016, p. 358)

Quando datamos um único momento de manifestação do movimento modernista é possível que percamos a percepção de dinâmica do processo histórico, pensar em apenas um discurso ou uma determinada leitura sobre o moderno é deixar para traz e esquecer os processos que ocorreram anteriormente. “Essa leitura – inspirada na centralidade de 1922 – foi construída pelos modernistas paulistas, que frequentemente se apresentaram como arautos da modernidade brasileira”. (VELLOSO, 2016, p. 358)

A importância que o grupo de 1922 teve é algo inegável, porém, não podemos esquecer de outras expressões de fundamental importância que fizeram parte da dinâmica cultural brasileira.

## **O movimento modernista carioca**

Segundo Monica Velloso (2016, p. 359), é necessário atentar para três características que instauraram o modernismo: pensar o movimento de 1922 em um processo de dinâmica, desassociar o modernismo necessariamente ligado as vanguardas artístico-culturais e repensar a inserção dos intelectuais cariocas<sup>xi</sup> no cotidiano urbano.

No Rio de Janeiro, nessa conjuntura, destaca-se a atuação de um grupo de intelectuais que demonstra uma sintonia expressiva com a cultura do modernismo. É o grupo dos boêmios, que tinha como um dos principais instrumentos de comunicação a linguagem humorística. Através dos escritos satíricos e das caricaturas, o grupo busca mostrar as mudanças que estavam ocorrendo nos tempos modernos. Esse grupo era composto por cronistas como Lima Barreto, Bastos Tigre, Emílio de Menezes e José do Patrocínio Filho, incluindo também os caricaturistas de maior projeção do momento como Raul Pederneiras, Kalixto e J. Carlos. (VELLOSO, 2016, p. 360)

Entre os anos de 1890 a 1920, esse grupo utilizando do humor e da sátira fizeram várias reflexões sobre a nacionalidade. “*Tagarela* (1902), *O Malho* (1902), *Fon-Fon* (1907), *Careta* (1907) e *D. Quixote* (1917) são algumas das revistas nas quais o grupo marcou presença”(Velloso, 2016, p 360). O grupo dos boêmios era liderado por José do Patrocínio, conhecido como o “pai da família boêmia”. É importante citar José do Patrocínio pois, normalmente seu nome é associado ao movimento abolicionista sem ligação com a cultura boêmia. Esse fato demonstra que a cultura boêmia foi desqualificada tanto na política como na historiografia, todavia, a intelectualidade boêmia participou de diversas lutas pela instauração do regime republicano.

Através de artigos e jornais esse grupo defendia o regime republicano atuando na luta a favor de valores de justiça e de participação social, mas, após a abolição da escravidão e a instauração da República esse projeto de uma sociedade mais democrática não se concretizou. Nesse contexto o Rio de Janeiro tinha as suas particularidades.

Uma parte do grupo de boêmios se juntou às camadas populares partilhando o sentimento de exclusão social. Para que o modernismo seja entendido de forma correta é necessário entender essas trocas culturais que aconteceram entre os diferentes segmentos da sociedade.

Na cidade-capital havia todo um quadro favorável à absorção de influências. Da mesma forma que o Rio de Janeiro absorvia as diversidades regionais – vindas de todos os estados – também funcionava como poderoso polo irradiador de culturas. O oficialismo da vida cultural sempre voltada para o cenário europeu coexistia com expressivas tradições nacionais marcadas, sobretudo, pela influência da cultura negra. (VELLOSO, 2016, p. 363)

Esse exemplo do Rio de Janeiro<sup>xii</sup> é oportuno, pois, permite repensar as expressões do moderno, pensando outros espaços que não se vinculam diretamente com o movimento formal e organizado e pensado através do cotidiano.

É na dinâmica do cotidiano, portanto, que começam a despontar expressões do moderno representadas por personagens as mais variadas que transitam por distintos mundos sociais. Nomes como os da maestrina Chiquinha Gonzaga, do músico popular Sinhô e dos cronistas João do Rio e Lima Barreto são referências obrigatórias nesse elenco do moderno. O que essas figuras tiveram em comum foi a tarefa – mesmo que não consciente necessariamente – de unir o erudito ao popular, tornando esses domínios receptivos à intercomunicação. A partir daí se esboçam as bases de uma identidade coletiva veiculada através de expressões da cultura popular. (VELLOSO, 2016, p. 370)

Para Monica Velloso a ideia não é tirar o polo da questão de São Paulo e transportar para o Rio de Janeiro, é problematizar o debate em relação a esse tema, é pensar o conjunto da nacionalidade.

A instauração do modernismo data, portanto, de um longo processo feito de avanços, lampejos inovadores e gestos de contenção, ocasionando polêmicas incessantes. Encontramos na nossa produção literária e artística – incluindo-se aí as caricaturas – esses sinais de modernidade, já presentes desde a virada do século XIX para o XX. Nesse processo é irrecusável o papel desempenhado pelos intelectuais paulistas na década de 1920. (VELLOSO, 2016, p. 371)

O Rio de Janeiro (cidade-capital) recebia muitas influências, tanto regionais quanto internacionais, principalmente europeia, mas, também era um polo emissor de culturas, a influência negra era uma constante misturada com as tradições europeias.

## **O movimento modernista em São Paulo**

No final do século XIX como já foi mencionado o Brasil era visto pela cartilha do darwinismo social que acreditava na existência de sociedades inferiores e superiores que fazem referência a diferentes etnias. “Mas a ideia subjacente era a de que esse quadro de atraso e inferioridade poderia ser modificado, desde que o país conseguisse acelerar a sua marcha evolutiva, integrando-se ao contexto internacional” (VELLOSO, 2016, p. 355) Porém, após a Primeira Guerra Mundial, a forma de se pensar o Brasil apresenta mudanças.

No pós-guerra modifica-se radicalmente a maneira de se pensar o Brasil. A visão da nacionalidade e da arte como força primitiva, espontânea, indomável e marcada, particularmente, pela ideia de inferioridade étnica não se sustentava mais. É clara a tentativa de se buscar organizar a nacionalidade a partir do Estado. Exemplo desse

empenho são as ideias contidas nas obras de Alberto Torres, *O problema nacional brasileiro* (1914), e de Olavo Bilac, *A defesa nacional*. (VELLOSO, 2016, p. 371)

Nesse período é perceptível como os intelectuais buscaram definir a ideia de identidade nacional, que refletia o contexto internacional devido ao declínio da Europa e a ascensão da América.

A Europa não é mais vista como o centro do modelo civilizatório, outras culturas passam a ser vistas como interessantes e começaram a ser mais “visadas”. “Artistas e intelectuais europeus viajam ao Brasil para buscar inspiração no nosso folclore, na literatura e na música popular.” (VELLOSO, 2016, p. 372)

Ao analisar o pensamento modernista brasileiro, é necessário considerar uma questão de fundamental importância: a teoria da importação das ideias. Durante muito tempo, a historiografia interpretou a influência das vanguardas intelectuais sobre a nossa produção intelectual como corpo estranho e sem conexão com o nosso solo de ideias.

Prevalecia, então, a visão do mimetismo cultural, espécie de sombra refletindo a luz irradiadora de um centro. Em grande parte, acabava-se interpretando o modernismo como uma espécie de movimento tupiniquim, mero mimetismo em relação às vanguardas artístico- culturais europeias. (VELLOSO, 2016, p. 373)

Em um processo de atualização cultural não é correto acreditar que os intelectuais brasileiros apenas imitavam, eles selecionavam e faziam uma releitura dos valores e das tradições europeias. Ao caracterizar o movimento modernista paulista é preciso ter claro, que ele não era homogêneo, mas, produziu visões distintas sobre a ideia de nacionalidade.

Até o ano de 1924 os intelectuais pensavam e buscavam uma atualização da nossa cultura. “No Manifesto Pau-Brasil, publicado no *Correio da Manhã* em 18/03/24, Oswald de Andrade expressa muito claramente essa ideia ao enfatizar a necessidade de “acertar o relógio império da literatura nacional”. (VELLOSO, 2016, p. 374). Porém, a partir de 1924 o que se buscava entender eram as particularidades da cultura brasileira. As diferentes visões da nacionalidade são construídas de acordo como cada modernista pensava a brasilidade e o passado do Brasil.

O grupo dos verde-amarelos – composto de Cassiano Ricardo, Plínio Salgado, Menotti Del Picchia, Candido Motta Filho – representa a vertente conservadora do modernismo paulista. Para esses intelectuais, a busca da brasilidade passa a ser concebida como um “retorno ao passado”. Compreende-se o passado como o reduto das nossas tradições mais puras e verdadeiras. Os verde-amarelos buscam explicar a nacionalidade recorrendo ao simbolismo do Curupira, figura inspirada nas lendas do

nosso folclore. Tendo os pés voltados para trás, o Curupira efetuará o seu deslocamento no tempo, sempre marcado pela ideia de um eterno retorno. A compreensão da brasilidade só se dá a partir desse retorno às pegadas do passado, considerado esse a chave explicadora da nacionalidade. (VELLOSO, 2016, p. 374-375)

A compreensão de brasilidade desse grupo era baseada na geografia. “Parte-se do pressuposto de que é a geografia que faz a história, alterando o seu curso de maneira decisiva” (VELLOSO, 2016 p. 376). Seu símbolo é o bandeirante, um personagem patriota e sério, seu trajeto pelo Brasil é sempre o mesmo: São Paulo, não se permitia conhecer outros lugares. Eles pensavam em dois Brasis, o interior como autêntico e o litoral como artificial.

No Manifesto Pau-Brasil, publicado por Oswald de Andrade no *Correio da Manhã* em 18/03/24, constrói-se uma outra percepção da brasilidade. É nítido o esforço de criar uma percepção baseada no princípio da síntese cultural, capaz de unir o “lado doutor” da nossa cultura com as tradições populares. É necessário “unir a Floresta e a escola, o Museu Nacional, a cozinha, o minério e a dança”, proclama Oswald de Andrade. (VELLOSO, 2016, p. 377)

Esse Manifesto se contrapõe a visão oficial da história, através de uma visão bem-humorada do colonizado. Em 1928 Oswald de Andrade publica o *Manifesto Antropófago*, defendendo a integração das culturas.

Mário de Andrade sugere um Brasil plural e dinâmico com relações entre o presente e o passado, mas que devem ser entendidas em um momento atual. “Em *Macunaíma*,<sup>xiii</sup> o herói sem nenhum caráter constrói-se a imagem de um Brasil móvel, de um Brasil que é simultânea e sucessivamente negro, índio e branco.” (VELLOSO, 2016, p. 379). Mário de Andrade procurou nessa obra defender a integralidade da nacionalidade, as regiões eram fundamentais, mas, deveriam ser vistas para enriquecer o conjunto.

## Considerações Finais

É preciso estabelecer as devidas aproximações entre os intelectuais da geração de 1870, os intelectuais caricaturistas do Rio de Janeiro da virada do século XIX para o XX e os modernistas paulistas da década de 1920.

Apesar das profundas diferenças de aparatos conceituais e de abordagem, todos esses intelectuais estavam mobilizados para uma questão em comum: entender a brasilidade, sobretudo entendê-la num contexto de mudanças. Contexto esse marcado

pelo ingresso do país nos “tempos modernos”, fato que se verificou historicamente na virada do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. (VELLOSO, 2016, p. 382)

Com a entrada do Brasil no cenário internacional os intelectuais se viram forçados a refletir sobre as nossas raízes com o objetivo de construir a nossa nacionalidade<sup>xiv</sup>. “Em meados da década de 1920, a questão era mais complexa: a compreensão do nacional, entendendo-o como elemento de mediação para o diálogo com as vanguardas artístico-intelectuais.” (VELLOSO, 2016, p. 382). Era necessário mostrar uma experiência singular para que o Brasil fosse considerado um país civilizado. “Reconhecer a nossa identidade multifacetada foi, portanto, uma problemática comum às distintas gerações intelectuais”. (VELLOSO, 2016, p. 382). É perceptível que a busca da brasilidade que mobiliza a geração de intelectuais de 1870 também mobiliza os intelectuais da década de 1920.

Na metade do século XIX com a forte influência das teorias do evolucionismo positivista, já se admitia um conjunto cultural diversificado, o índio e o negro, deveriam ser absorvidos para que não desaparecessem (o Brasil era idealizado como sendo branco nesse período). Através do olhar dos caricaturistas e revistas de humor cariocas do início do século XX se pensava o brasileiro plural, o imigrante, o português, o negro, a mulata, o índio, é essa mesma visão que expressam os artistas e intelectuais paulistas<sup>xv</sup>.

As vertentes analítica, intuitiva e satírico-humorística foram diferentes chaves, usadas em diferentes momentos e por intelectuais de diferentes filiações, para abrir uma mesma porta: a da brasilidade, assegurando-se, assim, o acesso do país aos tempos modernos. (VELLOSO, 2016, p. 383)

Se associarmos o modernismo somente com a Semana de Arte Moderna de 1922, deixamos de lado a pluralidade da experiência tanto no tempo como no espaço, sem chances de diálogos e trocas entre as diferentes gerações de intelectuais que pensaram a ideia de brasilidade.

## **Referências bibliográficas**

BOSI, A. *Pré-Modernismo e Modernismo*. In: \_\_\_\_\_. *História concisa da literatura*. 2. Ed. São Paulo, Cultrix, 1976.

MCFARLANE, James; BRADBURY, Malcolm (Org.). *Modernismo, guia geral, 1890-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

NEVES, Margarida de Souza. *Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves, (org). *O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo oligárquico – Da Proclamação da República à Revolução de 1930*. 8. Ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2016.

SALIBA, Elias Thomé. *Cultura*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A abertura para o mundo: 1889-1930*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A época em imagens*. In: \_\_\_\_\_. *A abertura para o mundo: 1889-1930*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As marcas do período*. In: \_\_\_\_\_. *A abertura para o mundo: 1889-1930*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *População e Sociedade*. In: \_\_\_\_\_. *A abertura para o mundo: 1889-1930*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

THIESSE, Anne-Marie. *Ficções Criadoras: as Identidades Nacionais*. Anos 90. Porto Alegre, n.15, 2001/2002.

VELLOSO, Monica Pimenta. *O modernismo e a questão nacional*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves, (org). *O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo oligárquico – Da Proclamação da República à Revolução de 1930*. 8. Ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2016

Artigo Recebido em 22/10/2019 - Aprovado em 14/11/2019

---

<sup>i</sup> Mestranda em História pelo PPGH da Universidade de Passo Fundo, Brasil. Bolsista FUPF. E-mail: m.abramchuk@hotmail.com

<sup>ii</sup> A assim chamada Semana de 22, que aconteceu em São Paulo no Teatro Municipal, visava a romper com os modelos herdados “do passado” e introduzir no Brasil as vanguardas europeias. Em questão estava a introdução da realidade local, dos trópicos, dos negros, da mestiçagem. Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Anita Malfatti, entre outros, representavam e se autoanunciavam como os representantes de uma nova era da cultura brasileira, mais afinada com um projeto moderno. (SCHWARCZ, 2012, p. 330)

<sup>iii</sup> Não há dúvida, pois, de que a literatura, graças em grande parte ao carisma prodigioso herdado do romantismo do século XIX, gozava de um prestígio ímpar nesse período, soando mesmo como um sinônimo da palavra *cultura*. Políticos, militares, médicos, advogados, engenheiros, jornalistas ou simples funcionários públicos, todos buscavam na criação poética ou ficcional o prestígio definitivo que só a literatura poderia lhes dar. (SEVCENKO, 2003, p. 274)

<sup>iv</sup> Vários autores nesse período se propuseram a pensar e a escrever sobre a formação social brasileira, dentre eles podemos citar Oliveira Lima, autor do livro, *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira*, do ano de 1911, diplomata, que, a partir do exterior, pensou a realidade brasileira, sua obra aborda a história do Brasil desde o seu descobrimento até a Proclamação da República, Oliveira Lima admite a possibilidade de uma integração, porém, acredita que ela deva ocorrer através da cultura europeia, branca, para ele a mais desenvolvida. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*, de Paulo Prado, filho da elite cafeicultora, teve a pretensão de explicar a formação da identidade do nosso povo destacando elementos como: cobiça, romantismo e a luxúria, defendeu o branqueamento da população, pois via no mulatismo a causa dos nossos males. Ou ainda: Gilberto Freyre, *Casa-Grande & Senzala*; Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*; Mário de Andrade, *Paulicéia Desvairada*.

<sup>v</sup> No período em que no Brasil a escravidão era permitida, o tipo de diferenciação dos indivíduos era dada pelo seu nascimento. “Durante o Império, e pela própria natureza do regime escravocrata, previa-se a mobilidade social e,

---

no limite, a alforria, o que significa dizer que a escravidão possibilitava, por vezes, a mobilidade individual, mas não a social, ou em maior escala.” (SCHWARCZ, 2012, p. 250). Com o advento da República os cidadãos passaram a ser classificados com base em critérios raciais, os antigos privilégios do Antigo Regime foram alterados.

<sup>vi</sup> Para Monica Pimenta Velloso, essa modernidade buscada no Brasil no início do século XX desacreditava na capacidade de mestiços e negros, demonstrando a característica fortemente excludente desse período. Por esse motivo, a democracia buscada se tornou um problema. A civilização pretendida reforçava as ideias da aristocracia. Com o fim da escravidão, principalmente no Rio de Janeiro, foram criadas novas formas de exclusão social. “Os ideais civilizatórios passaram a ser claramente endereçados às elites.” (VELLOSO, 2016, p. 362) que se reconheciam com a cultura europeia, e buscavam de várias maneiras instrumentos que embasassem a diferenciação com o objetivo de negar as origens mestiças da nacionalidade.

<sup>vii</sup> Mas bastaram apenas alguns anos para que a República mostrasse sua verdadeira face. A instabilidade e a indefinição geradas pelos primeiros governos militares e a consolidação da República com os governos civis mostraram que a realidade do Brasil estava muito distante das projeções de sua vanguarda intelectual: o regime continuou republicano na forma, mas oligárquico no conteúdo, e a sociedade tornou-se liberal no vestuário, mas profundamente conservadora na realidade. A história da cultura brasileira, pelo menos no período anterior à Primeira Guerra Mundial, pode ser definida como a história de uma longa e persistente desilusão quanto aos destinos do país. Todos os intelectuais que apostaram nas transformações do país, sonoramente anunciadas pela inauguração da República, foram paulatinamente perdendo suas apostas ao longo do período entre 1889 e 1914. As elites republicanas – às quais eles se ligavam, mas, secretamente, viam como “brincas” e despreparadas – acabaram, no final das contas, por deixá-los à margem das grandes decisões políticas e sociais. Já a maioria da população, com quem esses escritores simpatizavam, sequer os poderia entender, em face das altas taxas de analfabetismo do país. (SALIBA, 2012, p. 241)

<sup>viii</sup> Das últimas décadas do século XIX até 1930, o Brasil continuou a ser eminentemente agrícola. Segundo o censo de 1920, dos 9,1 milhões de pessoas em atividade, 6,3 milhões (69,7%) se dedicavam à agricultura; 1,2 milhões (13,8%) à indústria; e 1,5 milhões (16,5%) aos serviços de uma maneira geral. (SCHWARCZ, 2012, p. 43)

<sup>ix</sup> Ver: NEVES, Margarida de Souza. *Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves, (org). *O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo oligárquico – Da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: 10ª edição revista e atualizada, 2018. V I, p. 25.

<sup>x</sup> Ao considerar que a literatura pode ser lida como um documento histórico poderíamos exemplificar com as crônicas de Machado de Assis (1839-1908) que evidenciam a forma como a sociedade encarou as mudanças tecnológicas enfrentadas no período. A geração de intelectuais que vivenciaram essas mudanças concretizaram em seus escritos com sensibilidade o desejo por mudanças políticas. “O Manifesto Republicano de 1870 é considerado um dos marcos da modernização brasileira (Machado, 1973). Nesse documento enfatizava-se a necessidade urgente da abolição da escravidão e da instauração da República. (BOSI, 1976, p. 354)

<sup>xi</sup> Segundo Carvalho (1987, p. 138, apud VELLOSO, 2016, p. 361-362). Na condição de cidade-capital, o Rio de Janeiro apresentava algumas especificidades que devem ser analisadas para compreendermos como se deu o processo de modernização e quais os matizes que o particularizaram. Antes de tudo, é necessário considerar a existência de um fosso profundo entre o Estado e o conjunto da sociedade. As elites políticas mostraram-se incapazes de incorporar as camadas populares: o governo negava a participação do cidadão nos negócios públicos, mas, em contrapartida, era vetada a ingerência pública na vida doméstica.

<sup>xii</sup> A cultura urbana modernista no Rio de Janeiro deve ser compreendida através das ruas, praças, cafés literários, lagos e as festas populares, e não de forma sistemática. “Procedimento esse que nos leva a um redimensionamento do tema, questionando-se, sobretudo, o paradigma de 1922, instituído, durante longo tempo, pela historiografia literária”. (VELLOSO, 2016, p. 371)

<sup>xiii</sup> Para o autor, a figura de Macunaíma corporificava ironicamente a nossa dualidade linguística. Quando falava, o herói não poupava gírias, salamaleques e palavrões. Mas, ao escrever – como na carta pras icabiabas -, assumia ares de verdadeiro bacharel. Vasculhava os dicionários atrás de adjetivos e verbos que traduzissem o “bom falar lusitano”. Macunaíma é um personagem ambíguo. Mente, inventa, trapaceia e tem, sobretudo, uma imensa preguiça. Transita pelos mais diferentes espaços modernos e tradicionais, urbanos e rurais, relaciona-se com todo tipo de gente, conhece as mandingas e as máquinas, é vencedor e vencido. (VELLOSO, 2016, p. 381)

<sup>xiv</sup> As primeiras histórias nacionais, frequentemente de inspiração liberal, e os romances históricos dão forma a esta nova representação, constituída de uma narrativa contínua e de cenas destacadas que, ilustrando de maneira exemplar a alma da nação e seu combate contra a tirania, distinguem figuras emblemáticas de heróis e anti-heróis e fornecem referências para as lutas contemporâneas. O crescimento considerável do material impresso permitirá uma difusão cada vez mais do passado nacional assim construído, desenvolvido igualmente pelo teatro e, posteriormente, pela ópera. (THIESSE, 2001/2002, p. 12)

---

<sup>xv</sup> Essas ideias mostram o caráter complexo que revestiu o nosso modernismo, reforçando a pluralidade da experiência no tempo e no espaço. Recife, Rio de Janeiro, São Paulo; séculos XIX e XX. A visão do modernismo, quando associada ao paradigma da Semana de Arte moderna – ocorrida em São Paulo, em fevereiro de 1922 -, interrompe esse diálogo vivo que se estabelece entre as tradições do passado e as do presente, entre texto e contexto. Esse diálogo das raízes e rupturas permite vislumbrar – a par das diferenças – Sílvia Romero dialogando com Mário de Andrade, Graça Aranha com Oswald de Andrade, Emílio de Menezes com Oswald, Cassiano Ricardo com Euclides da Cunha. (Velloso, 2016, p. 383)